

## “THE PROPAGANDA GAME”: UMA ANÁLISE DA POLÍTICA EXTERNA NORTE-COREANA CONTEMPORÂNEA PELO VIÉS DO REALISMO CLÁSSICO

Por Ana Carolina Freitas\* e Meyre V. Teixeira\*

### RESUMO:

Este artigo tem por objetivo compreender brevemente a relação entre a teoria do realismo clássico e a política externa contemporânea da Coreia do Norte. Desta forma, defende-se a existência de alguns princípios realistas que norteiam a política externa norte-coreana. A fim de alcançar o objetivo proposto, foi utilizado o documentário “The Propaganda Game” (2015), produzido pelo espanhol Álvaro Longoria, contrastando-o e comparando-o com algumas noções e concepções da teoria clássica realista. O trabalho divide-se em uma breve apresentação do problema, seguida de um exame do governo da Coreia do Norte sob a ótica realista clássica e, por fim, a dificuldade de alcançar a paz na região da península coreana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Realismo. Conflito. Política. Coreia do Norte. Estado.

### ABSTRACT:

This article aims to understand the relationship between the theory of classical realism and the contemporary foreign policy of North Korea. In this way, we put forth the existence of some realistic principles guiding the country's policy. In order to achieve the proposed objective, we used the documentary The Propaganda Game (2015), produced by the Spanish Alvaro Longoria, contrasting it and comparing it with some notions and conceptions of classical realistic theory. Furthermore, the work is divided into a short presentation of the problem, later examines the Government of North Korea under the realistic classical optic and finally the difficulty to achieve peace in the corean peninsula region.

**KEY WORDS:** Realism. Conflict. Politics. North Korea. State.

\* Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

## INTRODUÇÃO

Os últimos anos foram especialmente desafiadores no que diz respeito às questões de ordem internacional. Ameaças nucleares, demonstrações de força através da realização de exercícios militares e testes de novas bombas deixaram a comunidade internacional em alvoroço com a possibilidade de um novo e poderoso conflito. No centro das atenções estavam de um lado os Estados Unidos, do alto de seus 477 bilhões em gastos militares por ano e, do outro, a Coreia do Norte, país relativamente pequeno em extensão territorial, mas que possui armamento nuclear (LONGORIA, 2015).

É fundamental para o analista internacional identificar na conjuntura mundial as teorias políticas, jurídicas, econômicas e sociais das relações interestatais que aprendeu durante sua formação. A fim de alcançar tal objetivo, faz-se necessário analisar a contemporaneidade criticamente à luz dessas teorias que pretendem explicar, ou ao menos delinear, a relação entre as Nações nos seus desdobramentos e implicações. Neste sentido, pretende-se no presente trabalho observar a associação do Realismo, enquanto corrente de interpretação teórica das Relações Internacionais, com um estudo de caso específico, a saber, a análise da política externa contemporânea da Coreia do Norte.

Para tal análise, será utilizado o documentário “The Propaganda Game” dirigido pelo espanhol Alvaro Longoria (2015). É importante sublinhar que o documentário foi filmado de forma restrita e pré-programada, a maior parte do tempo na capital da Coreia do Norte – Pyongyang – sendo coordenado por oficiais previamente selecionados pelo governo norte-coreano. Ou seja, mostrou-se de certo modo, a faceta oficial que o governo norte-coreano deseja exportar para o mundo. Justamente por trazer à tona as percepções de alguns norte-coreanos (dentre agentes oficiais do governo e cidadãos comuns) é que o documentário logrou destacar as perspectivas sobre política externa da Coreia do Norte que estão no imaginário popular.

A questão da demonização dos Estados Unidos da América (EUA) por parte da Coreia do Norte e a delicada relação entre as duas nações – ambas portadoras de armas nucleares –, a questão da defesa e da sobrevivência, bem como a análise dos interesses e dos jogos de poder por detrás da manutenção do atual status quo internacional – todos temas abordados pelo documentário “The Propaganda Game” – serão analisados aqui a partir da ótica realista: o Equilíbrio de Poder definido por Hans Morgenthau; os princípios de Anarquia e a primazia da luta pela sobrevivência, provenientes da análise hobbesiana e o conceito de guerra como meio político advindo de Clausewitz. Desse modo, buscar-se-á responder a indagação: é possível afirmar que a política externa do governo do Líder supremo e General norte-coreano Kim Jong-Un dialoga com os princípios fundamentais do realismo?

## A POLÍTICA EXTERNA NORTE-COREANA E A ESCOLA CLÁSSICA REALISTA NO GOVERNO DE KIM JONG-UN

Segundo Hans J. Morgenthau, o realismo, enquanto corrente de pensamento teórico, se caracteriza por ser “uma teoria que busca entender a política internacional como ela é, e

como deve ser, face à sua natureza intrínseca (...)” (MORGENTHAU, 2003, p.28). Um dos mais férteis temas atuais para comprovar a teoria realista é a Coreia do Norte. Desde os mais remotos séculos, a região da Coreia sempre foi palco de disputas por influência e por território pelas potências maiores (MORGENTHAU, 2003). Hobbes sublinha que, a anarquia é um dos princípios da natureza humana que podem ser transplantados para as relações entre Estados soberanos, visto que no sistema internacional não há autoridade supranacional que detenha a soberania acima dos Estados e o monopólio internacional do uso da força (HOBBS, 1651). Isso resulta numa interação inexoravelmente pautada pela “lei do mais forte” na qual os países territorialmente menores e politicamente menos poderosos, estariam sempre à mercê de seus contrários, as grandes potências (MORGENTHAU, 2003).

Conforme ressaltado no documentário de Alvaro Longoria, na Coreia do Norte a Defesa é vista como um elemento fundamental para a continuidade do sistema “socialista” do país. Frases como “(...) é claro que defender nosso país vem em primeiro lugar. Por isso o poderio militar é tão importante” e “Política do Exército número um: Significa que um país sem um exército forte não consegue sobreviver. Sempre dependerá das superpotências” (LONGORIA, 2015) condizem com o princípio que o realismo apreendeu de Hobbes, segundo o qual os Estados estão sempre na iminência do conflito, a guerra é sempre uma possibilidade e é devido a isso que eles sempre vão buscar se proteger, ter mais segurança, mais armamento (HOBBS, 1651). “O sistema de Estados é análogo ao estado de natureza dos homens, gerando a guerra de todos [os Estados] contra todos [os Estados]; há, como resultado de coexistirem num sistema anárquico, o medo constante de serem invadidos, perderem territórios e, finalmente, deixarem de existir, uma vez que não há garantia de segurança efetiva” (HOBBS, 1651, p. 2, 74). Na mentalidade política norte-coreana, ter um exército poderoso garante a sobrevivência da nação frente aos seus “inimigos”. Sem militares ou soldados resta o medo.

Em tal contexto, o documentário resalta que a tecnologia nuclear é aparato de proteção essencial contra as grandes potências mundiais, principalmente, contra os EUA: “Estamos sempre no limiar de uma guerra nuclear” – declarou o oficial da Associação de Cientistas Sociais da Coreia do Norte, Kim Chang Gyong – “Os EUA podem ter o maior arsenal de armas nucleares. Não podemos ficar desprotegidos” (LONGORIA, 2015). Essa percepção revela claramente a relação entre ameaça, medo, soberania, defesa e sobrevivência que resultam numa política externa de viés realista. Conforme afirmado pela oficial do Comitê para Relações Culturais do Governo da RPDC Yun So-hyon, “Somos forçados (...) quando [os EUA] organizam uma grande campanha, uma campanha militar e realizam testes militares todo ano, bem diante de nosso nariz. Não podemos ficar de braços cruzados. Temos de fazer nossa parte. É autodefesa, com certeza.” (LONGORIA, 2015).

Seguindo por essa interpretação, Clausewitz assinala que, “a pior de todas as situações em que um beligerante pode se encontrar é ficar totalmente indefeso” (CLAUSEWITZ, 1832, p.77). Depreende-se daí a importância da Defesa para um país que está em conflito. Ainda que a Coreia não esteja envolvida de fato numa guerra em um espaço físico, essa ideia dialoga com a política norte-coreana de destinar parte significativa do seu Produto Interno Bruto (PIB) para o Exército – cerca de 16% (LONGORIA, 2015) – e, além de tudo, com a

justificativa da Nação de ter uma forte militarização do Estado e um investimento em tecnologias direcionadas para esse setor. A posição geográfica do país requer a adoção de uma geopolítica que tenha por finalidade a defesa e a segurança da região. No entanto, esta mesma perspectiva ratifica a correlação entre o Estado, o partido e o povo como algo único tanto internamente como externamente.

De acordo com Clausewitz, a guerra é como o “choque entre duas forças vivas”, no qual, “o propósito final de travar uma guerra, como formulado aqui, deve ser visto como sendo válido para os dois lados” (CLAUSEWITZ, 1832, p.78). Assim, podemos identificar a relação entre a Coreia do Norte (que se autodenomina como Coreia) e os Estados Unidos, na medida em que, como bem demonstrado por Longoria, na história e na memória o conflito conhecido como Guerra da Coreia, ocorrido durante o auge da Guerra Fria (1950-1953), permanece latente (LONGORIA, 2015). Isto porque, como apontaram as notícias em 2017 sobre a relação entre ambos os países, as tensões chegaram ao auge e o conflito parecia cada dia mais iminente, ameaçando a paz e a segurança internacional<sup>1</sup>. O conflito assume uma forma mais ideológica, o armistício foi insuficiente para solucionar a disputa. A respeito disso Clausewitz atesta que,

[...] nem mesmo o resultado final de uma guerra deve ser sempre considerado como definitivo. Muitas vezes o Estado derrotado considera o resultado meramente como um mal temporário, para o qual a solução ainda pode ser encontrada nas circunstâncias políticas, em alguma data posterior (CLAUSEWITZ, 1832, p.81).

Desse modo, o Estado norte-coreano observa o comportamento dos EUA e o utiliza como justificativa para se armar. De acordo com a lógica do equilíbrio de poder, definida por Morgenthau, quando um país se arma demasiadamente, isso poderá gerar suspeitas e uma desconfiança maior de outros países, que, por sua vez, também irão se armar, por medo, e assim sucessivamente (MORGENTHAU, 2003). É exatamente isso que se observa na região: o medo constante intensifica a insegurança e aumenta as tensões. Porém, o equilíbrio de poder ali ainda se mantém, de certa forma, numa balança delicada. Ainda segundo o autor, é necessário “permitir que os diferentes elementos sigam normalmente suas tendências conflitantes, até o ponto em que a tendência de cada um deixe de ser suficientemente forte para superar a tendência dos demais, mas bastante vigorosa para impedir que as dos demais a subjuguem” (MORGENTHAU, 2003, p.324). Isso se reflete quando, por mais que existam constantes ameaças nucleares, tais ameaças nunca se tornam uma realidade efetiva, uma guerra real, pois isso implicaria na “destruição mútua e assegurada”.

A partir da análise Clausewitziana, o conflito armado configura-se como uma conti-

---

1 As crescentes tensões entre as atuais lideranças de tais Nações assombram o prenúncio de uma possível guerra nuclear e a retomada de uma Guerra que nunca foi finalizada. Ver ALTARES, Guillermo. Coreia do Norte: razões para ter medo. In: El País Internacional. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/07/internacional/1504806422\\_205307.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/07/internacional/1504806422_205307.html)>. Acesso em: 13 de dezembro de 2017; G1. Pyongyang diz que manobras conjuntas dos EUA e da Coreia do Norte podem levar a ‘guerra nuclear’. Disponível em:<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/pyongyang-diz-que-manobras-conjuntas-dos-eua-e-da-coreia-do-sul-podem-levar-a-guerra-nuclear.ghtml>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2017, entre outros.

nuação da política por outros meios e instrumento do Estado visando fins governamentais (CLAUSEWITZ, 1832). Nesta perspectiva, a política interna e externa norte-coreana se imbricam, visto que a iminência de um possível conflito com outro país a qualquer momento – sobretudo com o “imperialista” Estados Unidos – justificam e legitimam as atitudes internas do governo. De certa forma, a ligação entre guerra e política explica o regime. O espanhol Alejandro de Benós, que trabalha para o governo norte-coreano, assegurou que, “não há democracia, não (há) liberdade de imprensa, não há... aquilo que sei que dizem. Isto é uma guerra. E na guerra defendemos a nossa ideia” (LONGORIA, 2015). Sendo assim, a perspectiva do uso político da guerra [ideológica] auxilia na compreensão do Estado como maximizador do poder, a fim de assegurar a sobrevivência num cenário realista, como é a realidade norte-coreana, em que a segurança para eles é instável e o medo é tangível; do mesmo modo, também ajuda na legitimidade da longa permanência da família de Kim-Jong (atual Kim-Jong-Un) no poder, tendo como um dos principais objetivos a defesa da existência do regime comunista coreano.

Além disso, ao longo do documentário “The Propaganda Game”, diversos depoimentos de norte-coreanos entrevistados apontam as violações do acordo de paz pelos norte-americanos, a presença de uma base militar estadunidense próxima, a busca por impor seu imperialismo na região e até a falta de um pedido de desculpas (LONGORIA, 2015). Este descontentamento norte-coreano somado ao medo criado e propagado de um possível ataque, especialmente estadunidense, sinaliza aquilo que Clausewitz atribui como parte da natureza humana de superestimar o poderio inimigo (CLAUSEWITZ, 1832). Da mesma forma, isso também está articulado ao projeto do governo da República Popular Democrática da Coreia (RPDC) e coopera com o aumento das tensões entre ambos os países.

Os interesses e os jogos de poder na Ásia por parte das grandes potências mundiais não devem ser ignorados. Por trás da manutenção do status quo existente na região desde o fim da Guerra da Coreia, em 1953, estão principalmente a China e os EUA, tentando manter um cenário de perspectivas vantajosas para ambos a qualquer custo, conforme deixa claro o documentário. Tal comportamento ratifica claramente como o principal referencial do realismo político é o “interesse definido em termos poder” (MORGENTHAU, 2003), segundo o qual os Estados farão o que estiver ao seu alcance para prevalecer no sistema internacional. Nessa lógica, Jonh Randolph afirmou que: “(...) somente o poder pode impor limites ao poder” (RANDOLPH apud MORGENTHAU, 2003, p.325).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a política externa norte-coreana se confunde com a política interna. Isto acontece porque a necessidade de manter em curso a “Revolução Socialista” desenvolvida, forte e livre da “dominação capitalista” demanda que um Estado, a nível nacional, concentre para si o máximo de poder possível, e que ao nível internacional não seja fraco, esteja continuamente pronto para a guerra e na busca e defesa dos seus interesses. Assim, reiteramos a hipótese inicial de que é possível observar que todos os princípios realistas discutidos até aqui se revelam na política externa da Coreia do Norte atualmente, enfatizando, neste senti-

do, a propaganda e o discurso produzido pelo regime sobre si e o mundo.

Desta forma, dado o limite do trabalho, procuramos perceber os interesses mesclados com a identidade do Estado norte-coreano, porquanto eles estão alinhados e visam a governar conforme a sua ideologia, isto é, sem imposição do sistema capitalista e garantir a integridade do seu território e do seu povo, entre outros aspectos.

E, no que diz respeito à natureza das relações internacionais pela ótica realista, o conflito é o elemento-chave que, neste caso, é fundamental para compreender a política internacional da RPDC – o conflito faz parte da sua origem e da sua estrutura –, cujas principais características são a segurança nacional e a sobrevivência estatal. Tais aspectos estão no centro das prioridades do governo devido a sua posição geopolítica e o sistema contrário ao capitalismo que foi adotado para viver.

A possibilidade de paz para um realista é por intermédio do equilíbrio de poder, contudo, seria essa uma paz frágil e transitória (MORGENTHAU, 2003). No caso norte-coreano a pretensão de alcançar a paz, ao que tudo indica, depende de dois aspectos: por um lado, o reconhecimento e o ressarcimento dos Estados Unidos à Coreia do Norte, assegurando a liberdade de se relacionar com o restante do mundo sem necessitar aderir ao capitalismo e, de outro, a reintegração da Coreia, o que poderia ser uma grande ameaça e desvantagem para algumas das principais potências que exercem uma forte influência no Pacífico.

Por fim, atualmente a Coreia do Norte e a Coreia do Sul caminham em direção de retomar o acordo de paz. Neste sentido, a formação de uma delegação única com participantes das duas nações nas Olimpíadas de Inverno de PyeongChang em 2018<sup>2</sup>, o aperto de mãos histórico entre os chefes de governo de ambos países<sup>3</sup> e o compromisso de assinar esta convenção de Paz até o final de 2018<sup>4</sup> demonstram uma mudança significativa no cenário internacional e novas [in]definições nas políticas externas destes Estados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTARES, Guillermo. Coreia do Norte: razões para ter medo. **El País Brasil**, Madri, 9 set. 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/07/internacional/1504806422\\_205307.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/07/internacional/1504806422_205307.html)>. Acesso em: 13 dez. 2017.

ANDRIOLO, Raphael; GOZZER, Thierry. Unidas na mesma bandeira! Coreias do Sul e do

---

2 ANDRIOLO, Raphael; GOZZER, Thierry. Unidas na mesma bandeira! Coreias do Sul e do Norte entram juntas na abertura. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/olimpiadas-de-inverno/noticia/unidas-na-mesma-bandeira-coreias-do-sul-e-norte-entram-juntas-na-abertura.ghtml>> . Acesso em: 21 de maio de 2018

3 LIY, Macarena Vidal. Líderes das duas Coreias abrem cúpula histórica pela paz, “um presente para o mundo” Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/27/internacional/1524788577\\_084784.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/27/internacional/1524788577_084784.html)>. Acesso em: 21 de maio de 2018.

4 UOL - Coreias do Norte e do Sul se comprometem com fim de armas nucleares e acordo de paz até 2019. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/04/27/coreia-do-norte-e-do-sul-se-comprometem-com-fim-de-armas-nucleares-e-acordo-de-paz-ate-2019.htm>>. Acesso em: 20 de maio de 2018.

Norte entram juntas na abertura. **Globo Esporte**, PyeongChang, 9 fev. 2018. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/olimpiadas-de-inverno/noticia/unidas-na-mesma-bandeira-coreias-do-sul-e-norte-entram-juntas-na-abertura.ghtml>>. Acesso em: 21 de maio de 2018.

CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. Martins Fontes, 1979.

G1. Pyongyang diz que manobras conjuntas dos EUA e da Coreia do Norte podem levar a ‘guerra nuclear’. **G1**, 3 dez. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/pyongyang-diz-que-manobras-conjuntas-dos-eua-e-da-coreia-do-sul-podem-levar-a-guerra-nuclear.ghtml>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh\\_thomas\\_hobbes\\_leviatan.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_thomas_hobbes_leviatan.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2017.

LIY, Macarena Vidal. Líderes das duas Coreias abrem cúpula histórica pela paz, “um presente para o mundo”. **El País Brasil**, Goyang, 27 abr. 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/27/internacional/1524788577\\_084784.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/27/internacional/1524788577_084784.html)>. Acesso em: 21 de maio de 2018.

MORGENTHAU, Hans J. Uma teoria realista da Política Internacional. In: \_\_\_\_\_. **A política entre as nações: A luta pelo Poder e pela Paz**. Brasília: UnB, 2003, p.3-28.

\_\_\_\_\_. O equilíbrio de poder. In: \_\_\_\_\_. **A política entre as nações: A luta pelo Poder e pela Paz**. Brasília: UnB, 2003, p.321-338.

PROPAGANDA GAME, The. Direção: Álvaro Longoria. Produção: Álvaro Longoria. Documentário. Espanha: Morena Films, También la lluvia, A.I.E., 2015. 93 min. Disponível em: NETFLIX. Acesso em: jun. 2017.

UOL. Coreias do Norte e do Sul se comprometem com fim de armas nucleares e acordo de paz até 2019. **UOL**, São Paulo, 27 abr. 2018. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/04/27/coreia-do-norte-e-do-sul-se-comprometem-com-fim-de-armas-nucleares-e-acordo-de-paz-ate-2019.htm>>. Acesso em: 20 de maio 2018.